

Ideal Clube de Fado &  
Oficinas de Escrita Criativa  
para Fado Tradicional

ENCONTRO + LUSO - GALAIO



Ideal Clube de Fado &  
Oficinas de Escrita Criativa  
para Fado Tradicional

Encontro  
Luso-Galaico

	P.		P.
Uma antologia sentimental	7		
A chuva	10	Lá no campo	59
A dor que mais me apoquentá	11	Lasanha	60
A lenda da moura	12	Loucas das Maldivas	61
A minha janela	13	Memória	62
A minha voz	14	Memórias da vida	63
A moura de Gíela	15	Meu Amor	64
A saudade	16	Meu coração é quadrado	65
A viagem	17	Morgadinha	66
Amor cego	18	Mudança	67
Amor em tempo real	19	Mulher-poema	68
Amor fugitivo	20	Na casinha	69
Amor no rio	21	Na hora do acontecer	70
Amor que se constrói	22	Natureza em mim	71
Amor sem sede	23	Nestas palavras que escrevo	72
Ando perdida de amores	24	No fundo de mim	73
Andorinhas de abril	25	O amor de uma noite	74
Ao meu Vez	26	O amor, mãe e saudade	75
Aprecio o teu olhar	27	O doce sangue da ameixa	76
Aprendi a amar as rosas	28	O José	77
Aquele amor sem peias	29	O lençol bordado	78
As flores	30	O meu amigo na guerra	79
Barco da saudade	31	Olha o vento que assobia	80
Bela marinheira	32	Os tortos (ode à Facha)	81
Canto dos rouxinóis	33	Paixão	82
Chuva	34	Poema à barca	83
Ciúme sentido	35	Procura	84
Como folha de outono	36	Quadras soltas	85
Condão	37	Relicário	86
Coração Partido	38	Rio do meu crescer	87
Dama e senhora	39	Rosa rubra	88
Dança na chuva	40	Saudade	89
De mão dada	41	Se um dia me perguntarem por ti	90
Desabafo	42	Sempre que mentes assim	91
Distância	43	Sombra do verão	92
Doce alumiar	44	Sozinha na minha rua	93
Dou comigo a pensar	45	Teci nuvens do céu	94
Encher a pança	46	Terra rica da Humanidade	95
Encontro	47	Traz seu xaile avermelhado	96
Entraste na minha vida	48	Um xaile e adeus	97
Eu sozinho	49	Uma romã quando cai	98
Fado bordado	50	Uma sombra no caminho	99
Fado cantado	51	Velho parada	100
Fado Sentido	52	Vestido amarelo	101
Falso Amor	53	Vida	102
Família feliz	54	Vila Praia	103
Fui ao Bom Jesus a Braga	55	Voz do Passado	104
Fui ao cinema	56		
Giesta	57		
Homem Quadrado	58	Ficha técnica	105

# UMA ANTOLOGIA SENTIMENTAL

O conjunto de poemas que aqui se apresentam são o resultado de uma série de oficinas de escrita de poesia para fado promovida pelo Ideal Clube de Fado entre junho e agosto de 2021 nos municípios do Alto Minho e na cidade de Braga. Desenvolvida pela equipa do Ideal Clube de Fado e inserida num amplo programa dedicado à música e ao património Galego-Português, esta iniciativa foi um dos eixos fundamentais deste projeto.

Originalmente conhecida como ‘a canção do sul’, o fado fez-se rapidamente na expressão cultural mais transversal e popular da realidade contemporânea portuguesa. Nascida da pressão do êxodo rural para a cidade e da concentração de uma nova classe em cinturas e bairros industriais, esta canção, moderna por excelência, soube apoderar-se dos veículos da radiofonia e do cinema para escapar ao monopólio do urbano e afirmar-se como uma manifestação que turva e contradiz as linhas que usamos para dividir e classificar tanto o território como a sociedade. Como Frederico de Brito nos explica em *Biografia do Fado*, «Naquela vida agitada / ele [o fado] que veio do nada / não sendo nada era tudo». Como expressão e arte, o fado parece ter a capacidade de criar o seu próprio mundo (é nada e tudo, o princípio e o fim de si próprio) estabelecendo uma série de referentes míticos que definem um espaço comum de teatralidade e exagero, um palco e um meio, que permite e medeia o encontro. Sendo comunidade, o fado é onde o indivíduo se concretiza na projeção do outro. O cantador corporiza as emoções do ouvinte e abre um espaço de liberdade e troca que nega o binarismo entre razão e emoção. No fado não existe esta hierarquia e distinção moral entre cabeça e coração, controlo e vulnerabilidade, erudito e popular. Pelo contrário, ele traz-nos um espaço radical de sensibilidade que é contínuo e total. Já em 1923, no folheto «Canção do Sul», alguém escrevia que «O fado não é do Lírico, nem da taberna: é do coração. O seu autor é o Sentimento (...)». Entre o escárnio e a súplica, entre o choro e o riso, o fado é um lugar confessional e permissivo onde cantante e ouvinte encenam e representam toda a riqueza do leque das emoções humanas e a sua expressão física — não é o choro, tantas vezes, a medida do sucesso de uma atuação?

Em *Fragmentos de um discurso amoroso*, Roland Barthes faz-nos a pergunta: «Em que sociedades, em que tempos se chorou? Desde quando os homens (e não as mulheres) deixaram de chorar? Porque é que a sensibilidade se transformou, num determinado momento, em pieguice?». Sendo fácil de reconhecer a realidade descrita pelo semiólogo e filósofo francês — a partir da segunda metade do século XIX estabelece-se uma hegemonia cultural que relega a emotividade e o choro, particularmente no caso dos homens, para o domínio do privado e equipara o emotivo ao animal e ao irracional — também é verdade que, no caso português, no preciso momento em que estas ideias se faziam dominantes, o fado fundou um lugar de exceção no qual foi (e ainda é) possível resistir a esta subtração da experiência humana e experimentar e representar a nossa sentimentalidade na sua condição mais ampla e aberta.

Os poemas que se imprimem nas páginas seguintes devem ser lidos a esta luz. Eles procedem e participam deste espaço aberto e livre, original e criativo. Os assuntos são os nossos lugares comuns: traições e amores desencontrados, a viuvez e a morte, a perda da mãe, a saudade imensa dos lugares e das gentes, mas também o riso e o encontro, o amor conseguido, a vida renascente. São linhas que sacodem dos ombros o apodo de cliché, estes são os temas universais, as peças essenciais a partir das quais se constroem todas as vidas. Quando estão assim, mudos na página, são documentos ricos que descrevem pessoas como nós — que nos falam das nossas vidas e nos ensinam a viver melhor dentro delas, que contemporizam e dignificam as nossas experiências e emoções. Quando são cantados, sustentados na musicalidade dos instrumentos e concretizados na voz e no corpo do fadista, estes poemas estabelecem um terreno lúcido e arrebatador, um momento intenso de partilha que nos permite ver o mundo e a vida na complexidade total da sua topologia. Não estou a descrever o *Aleph* de Jorge Luis Borges, mas esta ideia de vertigem perante o tudo não está ausente do fado. O espectador vê-se a si próprio, de fora, a partir da vivência do outro. É sujeito a uma experiência

simultaneamente dissociativa e consociativa que anula e aviva a ideia de si no mesmo gesto em que define o grupo e faz a comunidade. No vórtice deste fazer e desfazer, podemos encontrar o âmago da nossa sentimentalidade, o manancial da nossa humanidade.

Esta é, então, uma antologia sentimental. Uma coletânea de histórias, tragédias e vaidades que reportam a um tempo e configuram um mapa nas suas relações com um território e sua toponímia. Nas suas palavras podemos encontrar as sombras e os rumores da nossa história, o eco dos fluxos que desembocam no presente e nos transportam para o futuro. Podemos descobrir o sabor doce do sangue da ameixa ou aprender a amar as rosas, desenhar nuvens no céu ou estender-nos no tempo de olhar uma romã quando cai. Na hora do acontecer, estes poemas devem ser lidos com carinho e cuidado, e cantados com toda a emoção.

# OFICINAS DE ESCRITA CRIATIVA PARA FADO TRADICIONAL

A

## CHUVA

A chuva inundou o dia  
 Não se fez anunciar,  
 Lágrimas de rebeldia  
 Nas ondas do teu olhar.

Fecundou a noite fria  
 As flores e a erva-cidreira,  
 Em estouvada correria  
 Galopou a noite inteira.

Ficaste como encantado  
 Pela chuva que caiu,  
 Em Dó menor desgarrado  
 Teu corpo e alma cingiu.

A chuva desceu vadia  
 Encapuçada em seu manto,  
 Tantos desejos nutria  
 Em desmando no teu pranto.

O teu silêncio a estacou  
 Na esquina daquela rua  
 O teu corpo abraçou  
 E passou a ser só tua.

**Maria José Areal**  
 Vila Nova de Cerveira

A DOR QUE MAIS  
ME APOQUENTA

Só cada um é que sabe  
 A dor que mais apoquenta.  
 Cada qual como lhe cabe  
 Sofre, geme e aguenta.

Ciática ou lumbago,  
 Dor do parto, dor de dentes,  
 Só eu sei a dor que trago,  
 Só tu sabes que dor sentes.

Há quem fale em dor da alma,  
 Eu cá mesmo, que o diga:  
 Se o meu amor perde a calma,  
 Até me dói a barriga.

Entre gritos e estertores,  
 Mais que todo o ser humano  
 Anda a Maria das Dores,  
 Que tem dores todo o ano.

Quem se queixa é piegas,  
 Quem gosta, é masoquista.  
 Vamos por essas adegas,  
 Não há dor que lhes resista.

**Orlando Costa**  
 Ponte da Barca

Noutros tempos já distantes,  
Reza uma lenda sombria  
Que no Paço de Giela  
Se beijavam dois amantes  
Sós, ao romper do dia  
No céu pairava uma estrela

Um cavaleiro cristão  
Esperava escondido  
a princesa muçulmana  
que amava com paixão,  
um amor retribuído  
pela donzela louçana

Eram amores proibidos  
que não podiam durar  
ocultos por muito tempo.  
Eles eram inimigos,  
A guerra sem terminar!  
Mau fado trazia o vento...

**Catarina Viana**  
Arcos de Valdevez

Saio da minha janela  
Como quem (me) leva a alma  
De mim, de tudo que tenho  
Volto sempre para ela  
Como o tempo que ama  
Na tela, o meu desenho

Vejo no tempo atrás  
Casa que me viu nascer  
O que eu chamo de meu  
Vento na volta que traz  
Tempo que me viu crescer  
Tudo que chamas de teu

Sinto que já não sou dela  
Sou aquilo que não sei  
Fundo da minha riqueza  
Volto à minha janela  
P'ra ver o que lá deixei  
Alma da minha tristeza

**Catarina Oliveira**  
Braga

# A MINHA VOZ

A minha voz amor  
 É leve como o vento  
 Fria como a noite  
 Da nossa despedida  
 A minha voz e pena  
 Que voa no lamento  
 Suspiro da saudade  
 Que nasce da partida

A tua voz amor  
 Deixou a noite triste  
 Pesada de silêncio  
 Porque disseste adeus  
 Da tua voz agora  
 Já nada mais existe  
 Os versos que cantaste  
 Deixaram de ser meus

A minha voz cantou  
 Assim como cantavas  
 Mas todos os poemas  
 Perderam alegria  
 A minha voz é fado  
 Do fado das palavras  
 Do som da tua voz  
 Que fez a noite fria

# A MOURA DE GIELA

Foi aqui neste lugar  
 Há tempos que já lá vão  
 aqui se vinham encontrar  
 Uma moura e um cristão

Ele, um soldado suevo  
 fero como um leão  
 queria por consorte  
 a donzela do Islão

Era um amor secreto  
 Vivido com cupidez  
 Tendo o céu como teto  
 nas margens do rio vez

Puro amor assim vivido  
 de segredos ao luar  
 foi cedo anoitecido  
 o pai dela o mandou matar

Triste espera a donzela  
 desde esse tempo passado  
 Triste espera em Giela  
 O regresso do amado.



# SAUDADE

# A

Quando me vem a saudade  
É verdade, não vontade  
Nas palavras que escrevi  
Quando já não é de mim  
É sim, do tempo sem fim  
O momento em que vivi

Tenho em tudo que escrevo  
O trevo e assim me atrevo  
A cantar o meu sossego  
Este que é o meu fado  
A meu lado tem estado  
Na calma, desassossego

Quando volta a saudade  
Vontade de liberdade  
Daquilo que já foi meu  
Canto como minha alma  
A calma, que não acalma  
O que deixaste de teu

**Catarina Oliveira**  
Braga

# A VIAGEM

Uma menina nasceu  
Numa terra abençoada.  
De doces pais, mereceu  
Sempre ser muito amada.

O destino estava escrito,  
Não ia ser alfacinha,  
Antes de lugar bonito  
que até hoje a acarinha.

Lá rumaram para Norte  
Às Terras de Valdevez,  
Procurar a sua sorte  
Na vida, com honradez.

Por lá deitaram raízes,  
Cresceu família de zelo.  
Sempre unidos, felizes  
Nessa terra de Prozelos.

**Anabela Brito**  
Ponte da Barca

Tu és o meu diamante  
Esse que nunca foi meu  
Aquele eterno amante  
Que em meu regaço bebeu

És a minha perdição  
Num caminho sem trincheiras  
Um abraço e a paixão  
Num percurso sem fronteiras

És um farol na tempestade  
Um ribeiro de água turbas  
O rio furioso e sem idade  
Na ponte nua sem curvas

**Manoella Martins**  
Viana do Castelo

# AMOR EM TEMPO REAL

Vi o vento que passava  
Em estouvada correria,  
Era em ti que eu pensava  
Tu és a minha alegria.

Lá no cimo eu entendi  
A marca do teu amor,  
Amei o tempo que vi  
Nas abas desse fulgor.

Ecoaram seus gemidos  
Em voltas bem onduladas,  
Nossos pés foram benzidos  
Com cores mais aniladas.

Os meus pés sabem dos teus  
Por entre os nossos lençóis,  
São os teus e são os meus  
Procurando novos sóis.

Urdidas novas linhagens  
Que os nossos corpos abraçam,  
Almas soltas nas voragens  
Teias de amor nos enlaçam.

**Maria José Areal**  
Vila Nova de Cerveira

Foste embora, meu senhor  
 Noite eterna, solidão.  
 Eras o meu grande amor,  
 Minha eterna obsessão.

No entanto, decidiste  
 Que não sentias por mim  
 Tudo aquilo que te disse  
 Quando fomos ao jardim.

Noite branca, turvação.  
 O Cupido escarneceu...  
 Queria o meu coração  
 E o coração cedeu.

Foste embora, meu amado,  
 Com o tesouro na mão.  
 Meu eterno namorado,  
 Guardo-te nesta canção.

**Mariana Correia**  
 Ponte de Lima

# AMOR FUGITIVO

# AMOR NO RIO

No rio que te dá vida  
 A água que vês correr  
 Essa viagem comprida  
 E ninguém te viu nascer

Quero seguir os teus passos  
 Onde te amo noite e dia  
 Não quero deixar teus laços  
 Nem perder tua alegria

Na margem é o amor  
 Nas tuas mãos a ternura  
 Levei de ti o sabor  
 Com que perdi a amargura

Levei de ti o carinho  
 Dei tudo o que queria dar  
 Não tropeces no caminho  
 Que até a mim vais chegar

**João Parra**  
 Monção

# AMOR QUE SE CONSTRÓI

Esta mesa ao pé do rio  
Que guarda o nosso segredo  
E neste dia assim frio  
Até parece um degredo

E pousa aquela gaivota  
'Inda mais outra a dançar  
E eu aqui parada e morta  
Por te ver sentir e amar

Por não dizeres nada  
O silêncio tanto dói  
Voltar a ser tua amada  
Um amor que se constrói

# AMOR SEM SEDE

Das fontes da tua pele  
Bebo tudo sem ter sede  
E por dentro do meu peito  
Eu sinto o bater do teu  
Aqui o amor não morreu  
Há-de ser amor perfeito

Que vais ler no meu olhar  
Quanto te posso amar  
Aperta a minha mão  
Enquanto olhamos a lua  
Que agarra também a tua  
Encostada ao coração

E há na minha memória  
Toda a nossa bela história  
Gravada com os teus beijos  
Na minha pele queimada  
Que é só tua, minha amada  
Com teu fogo e com teus jeitos

Ando perdida de amores  
 Que julgava nunca mais  
 Este amor só me dá dores  
 E as dores são os meus ais

Foste comigo dançar  
 Na festinha do terreiro  
 Meu amor no teu olhar  
 Eu vi amor verdadeiro

S. Sebastião festeiro  
 Quero ter a ocasião  
 Divertir-me no terreiro  
 Acalmar minha paixão

Apaixonado, não mintas  
 A história chegou ao fim  
 Porque no dia seguinte  
 Não te lembravas de mim

**Rosa Barbosa**  
 Vila Nova de Cerveira

# ANDO PERDIDA DE AMORES

# ANDORINHAS DE ABRIL

Do lado de fora está  
 Uma andorinha negra  
 Pintada de noite má  
 Num escuro que me alegra.

Alegra-me ao vê-la voar  
 Leve, ousada e solta  
 É como cravos a dar  
 Um futuro à revolta.

Tu bem dizes, minha mãe  
 Que há asas que não voam  
 Mas nesses dias d'além  
 As liberdades ecoam.

**Filipa Nascimento**  
 Braga

Sou do Minho, terra catita  
 Onde história aí se fez  
 Sou da terra mais bonita  
 Sou de Arcos de Valdevez

Montanhas, campos e fontes  
 Rios, passeios e trilhos  
 Rainha das nossas gentes,  
 Orgulho dos seus filhos

Do Piolho ao Castelo  
 Da Valeta ao rio Vez  
 Cada recanto é belo

Teus poetas expressaram  
 Em poemas tua beleza  
 E nas telas te pintaram,  
 Nossa menina princesa

Teu nome trago no peito,  
 Um dia me viste nascer  
 Nos teus braços, no teu leito  
 Quero um dia então morrer.

Cantai, fadistas cantai  
 Nesta terra sem igual  
 E ao mundo anunciai  
 Esta vila de Portugal.

**Maria do Céu Bívar**  
 Arcos de Valdevez

# APRECIO O TEU OLHAR

Aprecio o teu olhar  
 Atravessando a janela  
 Escondido p'lo luar  
 Vejo-te ainda mais bela

Quero te ver a bailar  
 Ó princesa Cinderela  
 Eu quero contigo estar  
 Saudades minha donzela

Vou-te contar rapariga  
 Como foi o meu sofrer  
 Eu que ficava em intriga  
 Por te querer e não ter

Agora tudo mudou  
 Seguem dias de alegria  
 Toda a sofrência acabou  
 Nosso futuro se cria

**Bruno Faria**  
 Ponte de Lima

Aprendi a amar as rosas não vou desmentir  
 Quando eu chorei de frente aos olhos teus  
 Janelas que me viram um dia a sorrir  
 Naquela primavera antes do teu adeus

Os meus olhos vestiram-se de orvalho  
 Quisera eu ser tão forte, mas não consegui  
 Quando a noite m' invade eu nada valho  
 Entreguei o olhar à estrada e segui

Abriste as asas como uma andorinha  
 Partiste numa qualquer tarde de outono  
 Foste sem mapa nem rumo foste sem dono  
 Beijar uma estrela vadia à noitinha

O vento deixou minha rosa desfolhada  
 Em oração pedi aos céus outro destino  
 Nesta rua vazia de ti desatino  
 Trago este fado nas mãos cheias de nada

**Celina Parente**  
 Viana do Castelo

# APRENDI A AMAR AS ROSAS

**Orlando Costa**  
 Ponte da Barca

# AQUELE AMOR

# SEM PEIAS

Aquele amor sem peias  
 Acabou preso nas teias  
 Que o destino tinha urdido.  
 Ela era aristocrata,  
 Ele nem ouro nem prata,  
 Muito menos apelido.

Ela casou, prometida.  
 Ele desistiu da vida  
 E rumou ao seminário.  
 Passaram anos a fio,  
 Ela esposa, ele de brio  
 Guarda de santo sacário.

Lume que arde em lenha velha  
 Deixa sempre uma centelha  
 Na cinza bruxulear.  
 Viu-a ele do coreto  
 Toda fechada de preto,  
 Voltou o fogo a lavar.

Quatro olhos se cruzaram.  
 Sem palavras confessaram  
 Um amor que não tem fim.  
 Deus já teve o seu quinhão.  
 Ela deu-lhe a sua mão,  
 Que o destino quis assim.

# AS FLORES

Esta vida que as flores têm  
É como as cartas de amor  
Belas no início, porém  
Despedaçadas de dor

Que hipocrisia flores vêm  
Com esperança e com cor  
Mal sabem elas que alguém  
Lhes pedirá um favor

Que favor lhes pedirão  
A essas flores tão fracas  
Talvez nem seja questão  
Devem estar cheias de marcas

No meu barco de saudade  
Este vento bate forte  
Nesta noite não domino  
As partidas do meu destino  
Sem ti perdi minha sorte

Fui abraçada p'lo nada  
Nesta viagem sofrida  
Entrego de mão beijada  
Minha ancora partida  
Na noite amaldiçoada

Olho ao fundo o farol  
Tão cinzento e cansado  
Ele não me ilumina  
Chorarei a minha sina  
Enquanto canto o fado

Agarro junto ao meu peito  
Este xaile de saudade  
É lágrima tão amada  
Por meus olhos já chorada  
Nesta noite sem idade



Vi lá do alto da Fraga  
Tão bela nuvem doirada  
Solicitei que me traga  
Carta da minha amada

Ficou suspensa no ar  
E respondeu sobranceira  
Aos saltos e a bailar  
Lá na bela marinheira

Feliz, contente, alegre  
Soltou lágrimas de dor  
Como ao sentir a febre  
Vinda do seu grand'amor

Tão felizes e contentes  
E com flores na cestinha  
Passearam sorridentes  
Lá nas ruas de Caminha

Unidos e carinhosos  
Irradiam, luz, calor  
Mas sempre tão ansiosos  
Vivendo o seu grande amor

Caminhando sem cessar  
E com um ar prazenteiro  
Logo foram-se sentar  
Nas escadas do Terreiro

**José Avelino Rodrigues Pedra**  
Caminha

# CANTO DOS ROUXINÓIS

Duas da manhã e eu  
A observar as estrelas.  
O céu devia ser meu,  
Para poder sempre vê-las.

O Sol deu lugar à Lua,  
A Noite sorriu para nós.  
Tu és meu e eu serei tua,  
Nunca acabaremos sós.

De manhã ao acordar,  
Debaixo dos meus lençóis,  
Gostava de recordar  
O canto dos rouxinóis.

**Mariana Correia**  
Ponte de Lima

# CHUVA

A chuva inundou o dia  
 Não se fez anunciar,  
 Lágrimas de rebeldia  
 Nas ondas do teu olhar.

Fecundou a noite fria  
 As flores e a erva-cidreira,  
 Em estouvada correria  
 Galopou a noite inteira.

Ficaste como encantado  
 Pela chuva que caiu,  
 Em Dó menor desgarrado  
 Teu corpo e alma cingiu.

O teu silêncio a estacou  
 Na esquina daquela rua  
 O teu corpo abraçou  
 E passou a ser só tua.

**Maria José Areal**  
 Vila Nova de Cerveira

Tenho Ciúme... sentido  
 Do verde livre do campo,  
 Que cresce à revelia  
 Numa aventura sem tempo  
 Só com tempo p`ra alegria.

Tenho Ciúme... sentido  
 Da água descendo o monte,  
 A galopar os rochedos,  
 Parando, ao gemer na fonte  
 Depois de sustos e medos.

Tenho Ciúme... sentido  
 Do sol que irradia luz.  
 Que regra o nascer da vida,  
 Que cobre os seus corpos nus  
 E os guia, na subida.

Tenho Ciúme... sentido  
 Do canto, solto, da ave,  
 Voando de pouso em pouso.  
 Tenho a certeza que sabe  
 Que me acalmo quando o ouço.

Tenho Ciúme do tempo!  
 Do tempo que não tem horas,  
 Das horas que têm tempo  
 E se gastam sem demoras  
 Na minha vida, sem tempo.

**Sara Mota**  
 Viana do Castelo

# CIÚME SENTIDO

# COMO FOLHA DE OUTONO

Como folha de outono  
Partiste como o vento  
À vida questiono  
Este negro sentimento

Nessa tarde tão bizarra  
Mil lágrimas eu verti  
No trinar desta guitarra  
Meus olhos choram por ti

Caminhei pela cidade  
Naquela noite tão fria  
Perdia-me na saudade  
Chorar por ti não queria

Mil palavras para ti  
No silêncio d'um abraço  
O tempo dói-me sem ti  
Preciso do teu regaço

# CONDÃO

Tive um condão e perdi-o  
Quando a névoa me cegava  
Nas ondas do meu caminho  
E sem bússola nem navio  
Sem ter rumo naufragava  
O meu condão tão sozinho

Por condão do meu condão  
Meus sonhos eram essência  
Da vida feita de esperas  
E no bater do coração  
Pulsava minha inocência  
De ilusões e quimeras  
Sem ter essa condição

Hoje caminho p'la vida  
Ao sabor da sorte vã  
E amordaço o coração  
Qu'a inocência perdida  
Pinta de negro a manhã

# CORAÇÃO PARTIDO

Partiste o meu coração.  
Levei a vida carpindo  
o meu amor semeado.  
Cansado, sem ar nem chão,  
o meu sentimento lindo  
fez então, nascer meu fado.

Amor, salgado sabor,  
não cries em mim raízes,  
não me faças tanto mal  
que o meu fado sendo dor,  
ao ver os outros felizes  
ficará de pedra e cal.

E o tempo vai divagando...  
Fecho os olhos e a sorrir  
estendo a mão e uma vez mais,  
enquanto sigo cantando,  
vejo pra sempre partir  
toda a causa dos meus ais...

# DAMA E SENHORA

Viana é uma mulher amada  
Uma varina e uma donzela  
É um manto negro de madrugada  
E de fados vadios na viela

Minha Viana é mar também ribeira  
Viana é um abraço de aguaceiros  
Descreve em seu cortejo a chieira  
Paraíso amado por marinheiros

Viana é um baú de filigranas  
Do folclore e danças e de poesia  
De desfiles de procissões  
soberanas  
E sonetos de amor e maresia

É a Amália é o cantar  
Pedro Homem a poesia  
A ribeiras e as raízes  
E as procissões da Agonia

Os dois à chuva dançamos  
sabendo bem onde estamos  
num abraço que se sente  
o teu corpo a minha luva  
numa praça já sem gente  
teus lábios sabendo a uva

Os dois à chuva dançamos  
e nossos corpos molhamos  
só tu e eu mais a lua  
juntos e presos à vida  
vontade que é minha e tua  
ai que sina tão querida

teu corpo na minha mão  
deitados naquele chão  
areia da nossa praia  
e fugia entre meus dedos  
é neste rio da raia  
em que perdemos os medos

e sem medos mais dançamos  
junto ao rio que amamos  
teus lábios na minha boca  
era como eu te beijava  
que te deixavam mais louca  
e muito mais eu te amava.

**João Parra**  
Monção

DANÇA NA CHUVA

# DE MÃO DADA

A vida é um sopro de quase nada  
Um enorme tudo em ponto de fio  
É pérola reluzente encantada  
No rasgado decote em desafio

Se soubesses o tamanho do tempo  
Irias comigo, amor, ver o sonho  
Esse sonho incerto e ciumento  
Bebido em licor frio de medronho

A vida é um sopro de quase tudo  
Um fio dourado de quase nada  
Um rasgado desafio em estudo  
Enquanto namoramos de mão dada.

**Adelaide Graça**  
Vila Nova de Cerveira

# DESABAFO

O meu coração está farto  
De lérias e de promessas  
No escuro de nosso quarto  
Quando teu amor confessas.

Passo os dias a chorar  
O teu querer atrevido  
Tu prometes assentar  
Mas és um tempo perdido.

Não alimentes o tédio  
Meu coração está curado  
Dispensso bem teu assédio  
Em tom de voz inflamado.

Desejo uma vida nova  
Bem juntinho a um novo amado  
Pondo um novo amor à prova  
Porque amar é nosso fado.

Esquece-me, vai-te embora  
Meus olhinhos de alcatraz  
Não quero homem que chora  
Sabes o mal que me faz.

# DISTÂNCIA

Despertei com a ave que cantava,  
O portão do quintal, gemia ao vento.  
O sol, acolhedor, já me espreitava,  
Quando sai do sonho, onde me invento.

Ergui-me, devagar, virada ao céu,  
A última estrela, desfalecia.  
Meu olhar, sedento, buscava o teu,  
A irradiar doçura e acalmia.

Teu olhar era frio, indiferente.  
Os sinais que emanavas, fugidios.  
Ternura, partilhada, quase ausente,  
Afetos, entre as sombras mas perdi-os.

E fui-me desviando, dei-te espaço  
Que cresceu, como vales esquecidos.  
Desisti, fui-me embora por cansaço  
Quando os laços quebraram,  
distorcidos.

# DOCE ALUMIAR

Ai, quem me dera ser estrela  
Nesse teu leito brilhar  
Sentirias meu amor  
Eu pousada na janela  
Com promessas de voltar  
De tão brilhante esplendor

Dentro do teu refúgio  
Onde mora um luar  
Mágico sabor d'amora  
Em beijo leve arrepio  
Serenata que é amar  
Ai, por esta noite fora

Num amanhecer d'aurora  
Ao lermos este madrigal  
Os nossos corpos banhar  
com sorrisos de quem chora  
Não será caso banal  
Tamanho doce alumiar.

**Adelaide Graça**  
Vila Nova de Cerveira

# DOU COMIGO

# A PENSAR

Dou comigo a pensar  
No que seria ficar  
No lugar que não é meu  
Sinto em mim a tristeza  
Onde já fomos beleza  
Do lugar que já foi teu

Vejo em cada lugar  
A batida a soar  
Dentro do meu coração  
Sinto-me em cada verso  
Deste meu lado inverso  
Para sempre o meu chão

Sei que tua já não sou  
E o nosso tempo voou  
Deixando minha saudade  
Sei que já não vou estar  
Dentro de mim, sossegar  
A nossa própria verdade

**Catarina Oliveira**  
Braga

# ENCHER A PANÇA

O relógio não descansa  
Já é quase meio dia  
Só penso em encher a pança  
Que é a minha alegria!!

Faca e garfo, lado a lado  
Em grande cumplicidade  
Dão-me manjar delicado  
Como prova de amizade.

A colher, tão generosa  
De quem gosto tanto tanto...  
É mulher bem caprichosa  
Que só à noite entra em campo.

Vieste num fim de tarde  
Quando o sol já se detinha  
Na lonjura da paisagem  
O meu peito ainda arde  
Rubro quando à noitinha  
Me visto só de miragem

Caminhando pela areia  
nossos passos se juntaram  
Como em encontro marcado  
Teu olhos de maré-cheia  
Nos meus olhos se enlaçaram  
Eu soube ali qu'eras fado

Desde então te trago em mim  
Como um segredo guardado  
Na arca do coração  
És meu deserto sem fim  
Meu oásis desejado  
Meu pecado e oração



# ENTRASTE NA MINHA VIDA

Entraste na minha vida  
Em forma d'árduo trovão  
O céu vestiu o seu fato  
P'ra viagem só de ida  
De encontro ao coração  
A chuva abriu um ato

Numa esperança perdida  
Acendeu a nossa paixão  
Qual perene desacato?  
Saíste da minha vida  
Agitado em turbilhão  
As vidas que bem desato.

**Margarida Dias**  
Arcos de Valdevez

# EU

Pela praia a caminhar  
Voltado à beira-mar  
Não sabia o que sentia  
Enquanto eu por ti chorava  
Atrás de ti outro andava  
E eu sozinho ressentia

Lembro-me de haver estrelas  
Deitado contigo a vê-las  
Naquelas noites de luar  
Hoje só há escuridão  
Não passou de uma ilusão  
E eu sozinho a sonhar

Uma mulher de grandeza  
Intelecto e beleza  
Relembro-te neste fado  
Não consigo entender  
Como é que te fui perder  
E eu sozinho apaixonado

# SOZINHO

**Bruno Faria**  
Ponte de Lima

Tenho bordado no peito  
 O fado em que me deito  
 Têm coração de mulher  
 Chegou sem hora marcada  
 Alma só, amargurada  
 O fado que ninguém quer

Vestindo vestido negro  
 A cor a que me entrego  
 Como amor imperfeito  
 Olha p'ra dentro da alma  
 O cantar que me acalma  
 Se me perco e aceito

Fado que faço agora  
 Fado que tanto demora  
 Porque me queres assim  
 Tu pertences eu pertenço  
 Nas tuas mãos adormeço  
 Acordo contigo em mim

**Jorge Gomes**  
 Viana do Castelo

# FADO BORDADO

# FADO CANTADO

De minha Alma o alimento  
 É a saudade e o tempo  
 Que desfiei a viver...  
 Faço saladas de riso,  
 Minha mesa é Paraíso  
 Onde tu podes comer.

Encho o copo com saudade  
 Do tempo da mocidade  
 Que gosto de recordar...  
 Por deixar um gosto amargo,  
 Eu bebo logo de um trago  
 Para não ter de chorar.

Meu pão que é amassado  
 Com amor bem levedado  
 Cozo num forno qualquer...  
 E neste meu desencanto  
 Limpo as migalhas e canto  
 O fado de ser mulher...

**Maria da Luz Colaço**  
 Caminha

# FADO SENTIDO

Olhando o verde do mar  
Vejo os teus olhos a luzir  
Não me canso de esperar  
Pelo amor que há-de vir

Um dia virá sozinho  
À espera dele estarei  
Trazendo muito carinho  
E p'ra sempre o amarei

Caminhando lado a lado  
De mãos dadas sempre unidos  
Será este o nosso fado  
Em muitos anos vividos

# FALSO

# AMOR

Disseste que me querias  
Como todo teu coração  
No entanto me mentias  
Pois não sei porque razão

De um amor não verdadeiro  
Não preciso dele não  
Mia vale ficar solteiro  
E morrendo de paixão

Tanto amor e só mentira  
Pois pouco tempo durou  
Era falso, não admira  
Por isso logo acabou

# FAMÍLIA

Na altura dos porquês  
Perguntava sem saber  
Como é que Deus fez  
Para a vida acontecer

Os dias longos passavam  
C'uma grande alegria  
Quando todos almoçavam  
E surgia a alegria

Ser adulto ou criança  
Pouco importava n'altura  
Era tanta a confiança  
Que unia a estrutura

Hoje o ritmo é diferente  
Mas igual é a irmandade  
Mesmo que não tão presentes  
Há ainda Felicidade!

**Filipa Oriana Martins**  
Ponte de Lima

# FELIZ

Fui ao Bom Jesus a Braga  
E do altar perguntei  
Onde é que estava o fado.  
Uma voz me respondeu:  
“Vai do Minho ao Algarve”  
Que o vês em qualquer lado

Então parei em Lisboa  
Por fim ao fado pedi:  
Ó fado não me castigues  
Deixa que eu te cante sempre  
E prometo não esquecer-me  
Da voz da Amália Rodrigues

Regressei ao Bom Jesus  
E das buscas Lhe falei  
Dizendo que vi o fado  
Que nas vielas de Lisboa  
Num xaile, num boné velho  
Tinha estado a meu lado

É assim o nosso fado  
De estilo bem magoado  
Quase sempre a recordar  
E se a saudade vem  
Encontramos sempre alguém  
Com vontade de o cantar

**Artur Soares**  
Braga

# FUI AO BOM JESUS A BRAGA

Eu fui ao cinema e vi-te  
 No teu vestido arejado  
 Comprei pipocas e riste  
 Fiquei todo embaraçado

Seguraste-me a mão  
 O embaraço passado  
 Não liguei nada ao guião  
 Sonhava só acordado

Continha a respiração  
 Coração acelerado  
 Fugia-me todo o chão  
 De sentar-me a teu lado

E depois do filme todo  
 Deste-me a tua mão  
 Afundei-me no meu lodo  
 Acabei em trambolhão

Tropecei no teu vestido  
 Caíste ao meu lado  
 Todo o penar fez sentido  
 No teu lábio beijado.

**Paulo Castro**  
 Paredes de Coura

# GIESTA

Agreste mas bem bonita  
 A solitária giesta  
 Na sua graça infinita  
 Dá à serra ar de festa!  
 No campo, abandonada  
 No mato que a rodeia  
 Brilha a giesta doirada  
 Na noites de lua cheia

Pelos ventos açoitada  
 Mas não perde a beleza  
 Pétala aveludada,  
 Que lhe deu a natureza!

A serra é o seu jardim,  
 O calado se canteiro  
 É vizinha do alecrim  
 E do pobre zambujeiro

Passamos mas ninguém liga  
 À florinha tão singela  
 Mas no dia da espiga  
 Não há grinalda sem ela!  
 E nesse dia de festa  
 Com papoilas e espigas  
 Lá vai a linda giesta  
 Nas mãos das raparigas!

Resistiu às ventanias  
 Ao frio, calor e sede  
 Para terminar seus dias  
 Pendurada na parede!  
 E quando o sol despontar  
 Iluminando a Terra  
 Já não vemos a brilhar  
 A giesta lá na serra!

**Maria Stela Romeu**  
 Vila Nova de Cerveira

# HOMEM QUADRADO

Eu gosto do teu abraço  
Mas teus beijos de melaço  
Deixam-me a língua a travar  
Do teu amor sinto enfado  
És um homem tão quadrado  
Que me sinto agoniar

O meu corpo tão ligeiro  
Só deseja estar solteiro  
De pouco te pode servir  
Vou deixar-te à sorte tua  
E podes viver na rua  
Mesmo que seja a pedir

# LÁ NO CAMPO

Lá no campo, as camponesas  
Olham pelas redondezas  
Gritam e chamam bem alto  
Comparam o melhor porco  
E qual o campo mais torto  
Avistando o planalto.

Cortam ervas com bravura  
E levam a vida dura,  
Sem nunca barafustar.  
As foices são como lume,  
Rápidas até ao cume  
Sem p'ra trás nada deixar.

# LASANHA

Eu estou cheio de fome,  
ai, que grande tentação!  
Não sei quanto tempo some  
estou cheio de pressão!

Ai se fosse uma lasanha,  
eu ia ficar feliz.  
Não me ia importar a banha  
e mais uma codorniz.

A canção chega ao fim  
isto foi uma emoção.  
Importante para mim  
É esta associação.

# LOUCAS DAS

# MALDIVAS

Pelas águas das Maldivas  
Gostava de relaxar...  
Eram muito atrativas  
As moças perto do mar.

Vieram ao meu encontro  
As meninas atrevidas  
É agora! Estou pronto!  
Irei deixá-las perdidas!

Deixaram-me pendurado  
No meio dos oceanos.  
Todas tinham namorado  
E eu caí nos seus enganós.

Ficarei melhor sozinho  
Do que com estas nativas  
Vou me embora sem colinho  
Ai das Loucas das Maldivas!

Quando eu era pequenina  
Verdes sonhos embalava  
Minha mãe 'inda menina  
Com asas brancas voava

Ó minha mãe quem me dera  
Àquele sonho voltar  
Onde a fantasia espera  
Onde a cama é de luar

Tempo, tempo tudo levas  
És como um rio d'espanto  
Passam mágoas, passam trevas  
Ficam memórias d'encanto

**Maria Pacheco**  
Vila Nova de Cerveira

A vida que nós tomamos  
Só a nos diz respeito  
Será como Deus quiser  
Rédea curta nós pegamos  
Nem sempre nos dá jeito  
Será como eu quiser

Todos a enfatizamos  
Sempre com ar suspeito  
Vivendo-a como estiver  
Sempre a imaginamos  
Num sonho negro perfeito  
Com amor que lá couber

Lembranças que aceitamos  
Com sentido satisfeito  
Zelando o que vier  
Sabemos o que amámos  
Deixando esse respeito  
Ao prazer que provier

**Maurício Araújo**  
Ponte de Lima



# MEU AMOR

Meu amor quando te vejo  
À noite, ao passar na rua  
Sonho logo com o beijo  
Que darei quando for tua.

Corro a cortina apressada  
Sem jeito p'ra disfarçar  
Quero por ti ser amada  
Deus sabe, um dia casar!

Minha alma fica de vela  
Ao ver-te aproximar  
Duma donzela singela  
Com quem te vais encontrar.

Fico triste, amargurada,  
Agonizo no sofá  
Em manta quente enroscada  
Cismando que já não dá!

Entra em mim a esperança  
Que a donzela é tua fã  
Até me veio à ideia  
Que pode ser tua irmã!

E assim de novo juntos  
Nem que seja em pensamento  
Unidos os nossos mundos  
Sou feliz por um momento.

# MEU CORAÇÃO QUADRADO

# É

Meu coração é quadrado  
De quatro cantos é feito  
Nele verto a emoção  
Quando me pede cuidado  
Não sei se será defeito  
Quadrado o meu coração

Cada canto uma janela  
Para iluminar a vida  
Resta aquela sensação  
Deixa o sol entrar por ela  
Quando ela fica despida  
Quadrado o meu coração

Aberta de par em par  
Alegre como a cigarra  
E a compasso no peito  
Convidado o sol a entrar  
Acompanhado à guitarra  
Afim! não tem defeito

Chico-esperto que te  
desencaminha  
É grande safado, nunca assumido;  
Cruel, desumano e um perverso  
jura seres tu a sua princesinha.

Intenta subjugar-te , morgadinha!  
Veste muito bem e é divertido  
De gestos estudados, com sentido  
Entoa a cantilena sabidinha.

E tu, cega, tão ingénua, tão pura  
Embarcas em viagem aviltante  
Não serás amada, apenas amante  
Quando tu só desejas a ventura.

Terás em troca um mundo de  
tristura  
Roteiro simulado, um farsante  
Postura amorosa hesitante  
Que tornará tua alma insegura.

**Lúcia Ribeiro**  
Viana do Castelo

# MUDANÇA

Tanta fome minha gente  
Neste País decadente  
Pela PIDE torturado,  
Era a guerra que grassava  
E que soldados matava,  
Era um Povo desgraçado...

Era fuga, emigração  
Para fugir à prisão  
Por todos nós tão temida...  
Surge então a madrugada,  
A mais bela, mais esperada,  
Que salvou a nossa vida.

Lá pela noite calada,  
Soldados seguem a estrada  
Em direcção à mudança...  
E quando o Povo acordou,  
Liberdade então gritou  
Em cravos rubros d'esperança...

**Maria da Luz Colaço**  
Caminha

Dizem que é tão airosa  
 Veste saia cor de rosa  
 E sorriso de marfim.  
 Seus cabelos, uma prosa  
 Como ela, um jardim.

Com liberdade de gata  
 E coração tons de prata  
 Baila no baile do vento.  
 Caricata a gaiata  
 Vive a vida com talento.

Mas não te enganes, rapaz  
 O nome dela é capaz  
 De gravar em ti poema.  
 Ela vende amor e paz  
 Emoções em alfazema.

Leva apenas alma nua  
 Espera que ela construa  
 Uma casa só p'ra ti.  
 E quando saíres à rua  
 Por ela canta e sorri.

**Filipa Nascimento**  
 Braga

MULHER – POEMA

NA

CASINHA

Na casinha aonde vivi  
 Melodia que eu ouvi  
 Vinda da janela branca  
 Ainda hoje lá passei  
 E logo me arrepiei  
 Ai, como a minha alma encanta

E tinha a lareira acesa  
 Pão e vinho sobre a mesa  
 E um avô sempre por perto  
 Tinha um quadro de Cristo  
 De Maria, Anjos num misto  
 Sagrados de peito aberto

Avô, tão doce, mas forte  
 Homem honroso do Norte  
 Tinha um nome de flor  
 Chamava-se Jacinto  
 Dos netos só tinha amor  
 Isto foi real, eu sinto

Por sinal, estava também  
 A bela figura amém  
 Da doce, Maria avó  
 Que ao adormecer rezava  
 Seu rosário segurava  
 Para não mais se sentir só

**Cândida Martins**  
 Monção

# NA HORA DO ACONTECER

Dentro do meu olhar  
Há um encontro de olhares  
Ondas crispadas e mansas  
Reflexos verdes de mar  
Poemas para tocares  
No meio das minhas tranças

Pautas, acordes, solfejos  
Chão das palavras escritas  
Labirinto d'aventura  
Onde moram os desejos  
Sem as frases eruditas  
Num poema qu' é loucura

Serás voo dos meus sonhos  
Na libido encarcerada  
Segredo no entardecer  
Enquanto beijos risonhos  
Maresia partilhada  
Na hora do acontecer

E quando voltar o tempo  
Nada poderá parar  
O carrossel do mundo  
Ainda que cesse o vento  
Sozinha não sei dançar  
Este fado tão profundo.

**Adelaide Graça**  
Viana do Castelo

O sol nasce bem alto  
Ao cima desta colina  
Sobe ao "palco" doce e belo  
O que me impele à bolina.

Vou descalça, à aventura,  
Busco a paz da natureza  
Exalto de graça pura  
Com semelhante beleza!

Desfruto do verde campo  
Corro com a água corrente  
Oiço aves em seu canto...  
Emoções que a gente sente!

Regresso a casa feliz,  
Serena onda do mar.  
Sinto o que o meio me diz  
Sou luz, sou lua, luar.

**Graça Santos**  
Braga

# NATUREZA EM MIM

Nestas palavras escrevo  
 O coração que conheço  
 Deixando de ser só meu  
 Esta rima qu'eu invento  
 Sei eu que não me esqueço  
 Do tempo em que fui eu

Verso da minha metade  
 Não sei quem fui eu outrora  
 No tempo que me perdi  
 Quadra da minha saudade  
 Sinto que não mais demora  
 O tempo que não vivi

Sou a saudade no tempo  
 Que vive dentro de mim  
 Não sou eu só de verdade  
 Eu sou sempre o momento  
 Da vida assim sem fim  
 No tempo, sou a saudade

**Catarina Oliveira**  
 Braga

NESTAS PALAVRAS  
 QUE ESCREVO

NO FUNDO

Nesta folha de papel,  
 Choro no fundo de mim,  
 Oh vida! Mas que cruel!  
 Nesta espiral sem fim!

No momento em que te vi,  
 Partir para outra parte,  
 Fiquei exangue, sorri,  
 Sem cor, sem a melhor parte.

Diante desta loucura,  
 Minha alma dói sem fim,  
 Meu amor... Minha doçura,  
 Diz-me o que será de mim?

**Maria João Domingues**  
 Valença

DE MIM

# O AMOR DE UMA NOITE

Era noite de luar  
Nada via além de ti  
Brilhavas como um cantar  
Meu coração derreti

Ninho negro tua veste  
Despiam tua beleza  
Tristeza que me puseste  
Mulher nua portuguesa

Beleza com que abriste  
O meu coração pedroso  
Algo tenro tu partiste  
Ficando sempre penoso

Noite louca de amor  
O segredo ficou no ar  
Adeus sentido de dor  
Notei nesse teu olhar

As palavras mais bonitas  
Que nos livros são escritas  
Deste jardim que Deus fez  
O amor, mãe e saudade  
Que espelha toda a verdade  
Do coração português

O meu coração me diz  
Quando estou triste ou feliz  
Se com ele estou cantando  
Suavemente a saudade  
Que me diz conta a verdade  
Aos olhos que estão chorando

Meus olhos, meu coração  
São isentos de traição  
São dois amigos leais  
O coração não resiste  
Se a saudade o põe triste  
Os meus olhos dão sinais

Se a saudade não se vê  
Eu pergunto-lhe porquê  
Faz sofrer meu coração  
Ela respondeu que existe  
Por se sentir só e triste  
No meio da multidão

O AMOR, MÃE  
E SAUDADE

# O DOCE SANGUE DA AMEIXA

O doce sangue da ameixa  
Ao canto do teu sorriso  
Vai escorrendo em minha alma  
Ao sabor da tua queixa.  
Serei cruel, sem juízo?  
Busco nesta tarde calma

O fim de um mal que se deixa.  
Não é de dor que eu preciso.  
Qual dos dois levará a palma?  
Sorvo o aroma da ameixa.  
Sou açucena ou narciso?  
Sou tua e isso me acalma

# O JOSÉ

Depois de um toque na bola  
Partiu o Zé a cachola  
E foi para o hospital  
A mãe veio atrapalhada  
e deu-lhe uma lambada  
Por se ter portado mal

Nas pernas tinha arranhões  
Porque estava de calções  
Numa tarde de verão  
A mãe toda regateira,  
Não aguenta tanta asneira  
E dá-lhe outro safanão.

O José envergonhado,  
Das suas feridas curado,  
Mas sem a alma abatida  
Pegou outra vez na bola,  
Escondeu-a na sacola  
Foi jogar outra partida.

Quando a sorrir perguntavas  
 Porque bordaste o lençol?  
 O meu rosto procuravas  
 Como quem procura o Sol.

Essa luz que então buscavas  
 No calor do corpo meu,  
 Era o lençol que tiravas  
 P'ra colar meu corpo ao teu.

Juntos na noite ficava  
 Na minha boca a magia...  
 O Amor que nos colava  
 Nem dava p'la luz do dia.

**Maria da Luz Colaço**  
 Caminha

# O MEU AMIGO

# NA GUERRA

O meu amigo na guerra  
 Com toda a vida pr'amar  
 Veio lá da sua terra  
 Pr'a lutar no Ultramar

Ao meu lado a combater  
 Lado a lado a pensar  
 Na razão de tal sofrer  
 Destinado a matar

Na emboscada fatal  
 Que sofremos de repente  
 Meu amigo pr'a seu mal  
 Morreu mesmo à minha frente

Tanto sonho se perdeu  
 Tanta donzela chorou  
 Tanto futuro morreu  
 Na terra qu'ele tanto amou

**Manuel Carvalho**  
 Braga



# OLHA O VENTO QUE ASSOBIÁ

Olha o vento que assobia  
 Numa mente que procura  
 O bom sentido da vida  
 Ele vai estar à porfia  
 Numa noite tão escura  
 Com aquilo que eu sentia

Traz consigo a lucidez  
 Que me indica o caminho  
 Do tal sentido da vida  
 Será na água do vez  
 Que ele encontra sozinho  
 Pouco a pouco, sem corrida

Por mais força que ele sopra  
 Para chegar ao destino  
 E responder ao pedido  
 Daquela mente que sofre  
 Que anda em busca de tino  
 Deixou o meu ser despido

# OS TORTOS (ODE À FACHA)

Neste vale verdejante,  
 Fui surpreto por um raio  
 Com tanta luz latejante  
 Parece que chegou maio

Cego, por um brilho aos molhos  
 Lá no posto de vigia  
 A dor penetra os olhos?  
 Parece que vi Maria

À direita estão os mortos  
 Ao centro temos a igreja  
 À esquerda ficam os tortos  
 Falta-me o bar do beija!

Em cima o Mins Central  
 A Facha vimos cantar  
 P'la direita o Amaral  
 E o Menir p'ra não enganar

Os tortos andam direito  
 Diretos e sempre a subir  
 Porque agora os mortos  
 Ficam à esquerda do Menir

Ai socorro que não chego!  
 Lá cima à capelinha  
 Levam consigo aconchego  
 A ver se já está geladinha

Dizem: (que) parar é morrer  
 Por isso têm que continuar  
 Tortos não conseguem correr  
 Ouvem São Cipriano a chamar

Já dá para sentir o calor  
 Da luz que sempre ilumina  
 Em procissão sem andor  
 Não é desta que termina

Sem dar conta tanque d'Busto  
 Não há modos de parar  
 Só vão parar c'um susto  
 Ou o dever os chamar!

Quando os tortos encontram  
 As tortas em uma noite  
 De trovões que rastejam  
 Cairão gaivotas de açoite

Vida jardim de saberes  
 Facha rosa desejada  
 Planta as flores que quiseses  
 Mas sem Rosa não está acabada

# PAIXÃO

Eu que me apaixonei  
 Nas ondas do teu amor  
 Quase que me afoguei  
 Por te causar tanta dor

E viver intensamente  
 Tal como uma criança  
 Contigo eternamente  
 Criando a nossa dança

Se tiver de te perder  
 Escolho: morte rendida!  
 Antes deixar de te ver  
 Que estares prometida

Quem me dera ser feliz  
 Sem você a existir  
 Serei sempre infeliz  
 Por não a poder sentir

**Alberto Fernandes**  
 Ponte de Lima

Ó Barca és meu encanto,  
 De ti tenho tanto brio,  
 É por ti que hoje canto,  
 E p`la beleza do rio.

Tens umas belas paisagens,  
 Gentes cheiras de chieira.  
 Serras e belas pastagens,  
 O sol a bater na eira.

Se um dia eu te deixar,  
 Ó Deus, que tão grande dor.  
 Nunca mais eu vou amar,  
 Alguém com tamanho amor.

Por isso, eu hoje digo,  
 Falo com muita razão,  
 Levar-te sempre comigo,  
 Juntinho ao meu coração.

**Laura Reis**  
 Ponte da Barca

Por dentro rasguei a Alma  
 Sem nunca perder a calma  
 Os livros são o meu Mundo  
 E sentir os teus abraços  
 Quando corres p'ra meus braços  
 Sois o meu amor profundo

Quem ama por um instante  
 Rima p'la vida adiante  
 Os meus Filhos são paixão  
 Um amor p'ra toda a vida  
 Já é tempo de partida

Vou dar de beber à dor  
 A dor que vem do amor  
 Pois quero que o meu futuro  
 Tenha o sentido que lhe dou  
 Do homem que já não sou  
 Do Homem que ainda procuro

# PROCURA

Humberto Silva  
 Melgaço

# QUADRAS

# SOLTAS

Eu neste meu papel branco  
 Faço a minha poesia  
 Que muitas vezes eu canto  
 Quer de noite ou de dia

Gosto de cantar o Fado  
 É assim que me entretenho  
 Eu ponho tudo de lado  
 Para cantar eu cá venho

Estou aqui neste palco  
 Com estas minhas poesias  
 E para cantar bem alto  
 À nossa moda de Azias

Neste salão requintado  
 Com janelas para o mar  
 Passo as tardes sentado  
 P'ra as ondas apreciar

Joaquim Ribeiro  
 Ponte da Barca

Acaso, sabes tu que me enterneces  
Fica assim, por ti daria tudo  
Tu, ai, és esperança que mereces  
Meu belo ser, tens tu voz de veludo

Dar-me, chegar a ti eu bem queria  
Rosto de anjo, olhar de cupido  
Só em teu doirado berço dormia  
Ó Flor de Liz, no meu cabelo comprido

Hoje, abri o mundo dos livros  
P'ra juntinhos passear na rua  
Ai, beberemos nos meus sentidos  
Já a minha alma conhece a tua

Sonhando, empresta-me a cor do sol  
Ó, fica p'ra me sentir mais dourada  
Tu, foste, relicário girassol  
Sinto-me agora, tão bem fadada

Ó rio sedutor do meu crescer  
Tu que me vês e entendes o sentir  
Deito em ti o olhar para te ouvir  
O lento alucinante amanhecer

Quando no paredão por ti passava  
Num tempo feliz e namoradeiro  
E tu sempre lá estavas em primeiro  
Ai, eu ainda no liceu estudava

Continuas a passar ao meu lado  
De mim, já crescida e tão mulher  
Procuro-te dentro dum bem me quer  
E falas-me dum amor consumado

Dizem que és lenda do esquecimento  
Guardo-te sempre no meu poemário  
Juntos subiremos ao santuário  
Dentro do cofre do meu sentimento.

# ROSA RUBRA

A rosa rubra em botão  
Crescia no seu canteiro  
Altiva como rainha.  
Um narciso fanfarrão  
Acercou-se, prazenteiro:  
- Bela rosa, serás minha!

Com orgulho retorquiu:  
- Sai daqui anão sem siso  
Com perfume de bordel!  
Com maus modos despediu  
O lírio mais o narciso  
A quem chamou "de papel".

Abriu-se a corola à rosa.  
Um cravo simples, moreno  
Logo se lhe ofereceu:  
Casa comigo, formosa,  
O meu amor é sereno.  
Junta o teu perfume ao meu.

Amor doce e apimentado  
Com dois perfumes parelhos  
Tomou conta do jardim.  
Foi casal enamorado  
Até tombarem de velhos,  
Porque tudo tem um fim.

Foi hoje ao romper d'aurora  
Que acordei sobressaltada  
Gemia o vento lá fora  
No colo da madrugada

Levantei fui à janela  
Em voo de pressentimento  
Naquela queixa tão bela  
Chorava o meu sentimento

Era o vento dedilhando  
Cordas de melancolia  
Eram as folhas bailando  
Ao som dessa melodia

Meu amor já que partiste  
Leva a guitarra contigo  
Qu'esta saudade tão triste  
Dorme e acorda comigo

# SE UM DIA ME PERGUNTAREM POR TI

Se um dia me perguntarem por ti  
Vou só dizer-lhes que já cá não estás  
E que da última vez que te vi  
Jurei que te deixaria p'ra trás

Por todas tuas falhas me culpaste  
E nunca um elogio de ti veio  
Não pensas que foste tu que falhaste  
Negando a confusão no nosso meio

Se um dia me perguntarem por ti  
Direi que para mim não vais voltar  
E que da última vez que te vi  
Sabia que ele te iria falhar.

# SEMPRE QUE MENTES ASSIM

Sempre que mentes assim  
E dizes que sou teu dono  
Digo que sim, mas enfim  
Sei que não pensas em mim  
Nas tuas noites sem sono

Eu sei que me estas a mentir  
Mas verdades que em importa  
E se as verdades por vir  
Não me fizerem sorrir  
Não lhes abrirei a porta

Nunca me digas verdades  
Na mentira sou mais feliz  
Nunca me roubes vaidades  
Nem ofereças saudades  
É coisa que nunca quis

Quero que mintas comigo  
Que me mintas só a mim  
A verdade é um castigo  
Verdades são o que eu vivo  
Sempre que mentes assim

## DO VERÃO

Dentro do que há em mim  
Sinto sempre hesitação  
Se é escuro e sem fim  
Se é sol e mais verão.

Verão que há sempre calor  
Palavras de agitação  
Verão que há sede d'amor  
Uns dias sim, outros não.

Espelho meu diz a verdade  
Só te falta ter vontade  
De pintar felicidade  
E um mar em tons de jade.

Digo adeus a meu lamento  
De que vale esta canção?  
Se o fado é só vento  
E em mim há só perdão.

**Filipa Nascimento**  
Braga

## SOMBRA

Sozinha na minha rua  
Eu deixo a vida passar  
Olho o céu, olho a lua  
E relembro o teu olhar

E sozinha no meu quarto  
Olho em volta e penso em ti  
Eu abarco tudo e parto  
Deixo de chorar por ti

Vivo a vida ao momento  
E sem nunca pensar em ti  
Às vezes penso e lamento  
Tudo o que eu amei em ti

**Ana Maria Dantas**  
Vila Nova de Cerveira

SOZINHA  
NA MINHA RUA

# TECI NUVENS DO CÉU

Teci das nuvens do céu,  
As rendas para o meu véu  
D'uma da mais pura alvura.  
Do véu, pendiam estrelas  
Foram anjos a tecê-las  
Sobre um manto de brancura.

O manto, em organza fina  
De uma beleza divina  
E de pérolas, bordado.  
Cingido na perfeição,  
Vestido com emoção  
Como um sonho, encantado.

Sussurros, quentes ouvias,  
Palavras tontas dizias  
Que me faziam corar.  
Pulsou tanto o nosso peito,  
Nos lençóis brancos do leito  
Com nosso corpo a vibrar.

Veio um vento em desvario,  
Com tal força e poderio  
Pôs as pérolas no chão.  
Lágrimas soltas, caídas,  
Mágoas de vida sofrida  
Que rolaram pelo chão.

**Sara Mota**  
Viana do Castelo

# TERRA RICA DA HUMANIDADE

Nestes jardins verdejantes  
Terra de bons habitantes  
No rio do esquecimento  
A velha ponte romana  
Imponente e soberana  
Deu nome ao povoamento

Uma vila portuguesa  
Terra de muita beleza  
As muitas ruas estreitas  
Com as suas romarias  
E incríveis iguarias  
Que são sempre bem feitas

Tanto para visitar  
Até de canoa andar  
Desfrutar da natureza  
Com um passeio no Arnado  
Ver um concerto de Fado  
Para afastar a tristeza

**Diana Bezerra e Cristiana Lima**  
Ponte de Lima



# TRAZ SEU XAILE AVERMELHADO

Traz seu xaile avermelhado,  
Não queiras saber do luto,  
Envolve-te nesse enfado  
Dum amor absoluto.

E pensa em cada instante  
Vivido em comunhão,  
Recorda como importante  
Dentro do teu coração.

Acarinha cada jeito  
Que te lembra o ser perdido,  
Guarda-o dentro do peito  
Dá em amor desmedido!

Graça Santos  
Braga

Hoje à noite vou ao Fado  
Já me estou a arranjar  
Vai lá estar o meu amado  
Só o quero ouvir tocar

Meu xaile vou escolher  
Enquanto trauteio um Fado  
Tudo só para te ver  
Só por ti oh, meu amado!

O dedilhar da guitarra  
Transporta-me para fora  
Só quero ser tua amada  
E contigo ir embora

Sei que olhas para mim  
Porém sei que não me vês  
Como queria eu pôr fim  
A este amor de uma vez.

Sandrina Antunes Ribeiro  
Ponte da Barca

UM XAILE E ADEUS

# UMA ROMÃ QUANDO CAI

Uma romã quando cai  
É uma alma que sai  
É amor que s'acende  
Um coração que desperta  
Uma saudade que aperta  
Um olhar que se estende

Guitarras trinem baixinho  
Neste meu doce cantinho  
Embala o meu coração  
Corta a saudade o meu peito  
Fica o corpo já sem jeito  
Fica o pisar já sem chão

Nesse teu jardim perdido  
Nesse meu doce sentido  
Encontrei o meu olhar  
Agora sinto-me ausente  
Neste cantar se presente  
A minha alma amortalhar

**Paulo Castro**  
Paredes de Coura

# UMA SOMBRA NO CAMINHO

Uma sombra no caminho  
Um caminho por andar  
Mesmo que seja sozinho  
Caminho sempre a cantar

Passo a passo, apreçado  
Que o passado é saudade  
Mesmo que seja calado  
Culpado dessa vontade

Mal tratadas as certezas  
Como presas em quimera  
Mesmo que sejam defesas  
Despesas da primavera

Posso amar o que vier  
E morrer de tanto amar  
Mesmo que seja perder  
Viver não sei, sem cantar

**Jorge Gomes**  
Viana do Castelo

## VELHO

## PARADA

No choupal, sobre o rocio,  
Cantava o velho Parada  
Uma terra à beira rio,  
Na margem alcantilada.

Sobre o Largo dos Poetas,  
Pelourinho erguido ao céu.  
Vidas são como cometas,  
Já tombou quem o ergueu.

Ó pedreiros seculares,  
Cujo nome se perdeu!  
Talhastes nossos solares  
Mereceis vê-los do céu.

Doce vilinha pequena  
Nosso povo edificou.  
Doce e rude como a pena  
Com que o Parada a cantou.

## VESTIDO AMARELO

Em tuas mãos, meu amor  
Tens meu frágil coração  
Enquanto escrevo com dor  
Os versos desta canção

Ontem vi-te da janela  
Com teu vestido amarelo  
Pensei “como tu és bela!”  
Nesse teu jeito singelo

Sei que um dia vais embora  
Com meu coração na mão  
Peço-te que antes da hora  
Oijas a minha canção

Apenas um beijo peço  
Nessa hora de partida  
Sabes que não me despeço  
Não gosto da despedida.

Doce vida, ama-me vida  
 Imensa Deusa das tardes  
 Ó Primavera sentida  
 Em meu peito ainda ardes

Em ti estão todas as eras  
 Ó princesa bailarina  
 Como me te sinto deveras  
 Em mim estás, tu ó menina

Luas de noites seladas  
 Ó grande sabedoria  
 Eu quero-te de mão dadas  
 Eu fada te chamaria

Pendura-te nas janelas  
 Só em ti me oferecia  
 Brisa em todas as esferas  
 Dá-te ás filhas, cada dia

**Cândida Martins**  
 Monção

# VILA PRAIA

Nas ruas de Vila Praia  
 Anda a saudade no ar  
 Tem o aroma da Maia  
 E o cheiro do nosso mar!

Nela a vida acontece  
 Quer seja noite ou de dia  
 É o sol que nos aquece  
 Trás a cor e alegria!

Quis o destino traçado  
 Que as noites durmam comigo  
 Quero vive-las com fado  
 Quero senti-las contigo!

No teu linho bordado  
 Fui encontrar a razão  
 Num lenço de namorado  
 Que guardo no coração!

Na capelinha do Monte  
 Ficou preso o meu olhar  
 Na paisagem lá de frente  
 Há um farol a espreitar!

Amanhã vou acordar  
 E sentir o teu cheirinho  
 Quero voltar a sonhar  
 Onde os sonhos fazem ninho!

Continuo a procurar  
 Nos meus sonhos de criança  
 A Igreja e o altar  
 Da Senhora da Bonança!

**António Inglês**  
 Caminha

Do nada há uma voz  
 Uma voz que me invade  
 Chega sem hora marcada  
 Quando estamos a sós  
 Chega com todo o alarde  
 Só para me deixar atada

Já não tenho mais palavras  
 Nem sei mais o que dizer  
 Todas elas tu roubaste.  
 Tuas partidas malvadas  
 Que mais poderei fazer  
 Vieste e tudo levaste

Porque serás tu capaz  
 De lembrares o passado  
 E não me deixas seguir  
 Porque ficamos atrás  
 Tudo foi ultrapassado  
 E podemos prosseguir

**Sandrina Ribeiro**  
 Ponte da Barca

# FICHA TÉCNICA

## DIREÇÃO ARTÍSTICA

Ricardo Pons  
 (Ideal Clube de Fado)

## FADISTAS

Ana Ferreira  
 Carla Cortez  
 Fernanda Moreira  
 Isa de Castro  
 Pedro Ferreira

## INSTRUMENTISTAS

António Marramaque (guitarra portuguesa)  
 Jorge Serra (viola)  
 José Saraiva (viola)  
 Marco Quaresma (guitarra portuguesa)  
 Mário Henriques (guitarra portuguesa)  
 Ricardo Pons (viola)  
 Rui Beirão (guitarra portuguesa)  
 Sérgio Marques (viola baixo)  
 Torcato Regufe (viola baixo)

## DINAMIZADORES DAS OFICINAS DE ESCRITA CRIATIVA PARA FADO TRADICIONAL

Aída Duarte  
 Ideal Clube de Fado  
 Thomas Bakk

## PARTICIPANTES DAS OFICINAS DE ESCRITA PARA FADO TRADICIONAL

## ARCOS DE VALDEVEZ

Catarina Viana  
 Eduardo Rocha  
 Filipe Faro  
 José Barbosa da Costa  
 Margarida Dias  
 Maria Albertina Fernandes  
 Maria do Céu Lopes  
 Maria Júlia Rocha

Ricardo Rocha  
 Teófilo Cerqueira

## BRAGA

Artur Soares  
 Catarina Oliveira  
 Filipa Nascimento  
 Graça Santos  
 Irundina Agante  
 Manuel Carvalho

## CAMINHA

Adriano Oliveira Fernandes  
 Alda Sameiro Braga  
 António Joaquim Alves Inglês  
 Carmen Dolores Lino Pereira  
 Daniel Jorge de Matos  
 Francisco Franco Vaz  
 Isabel Lima Martins  
 José António Vilas Ribeiro  
 José Avelino Rodrigues Pedra  
 Josefina de Jesus C. Fernandes Covinha  
 Maria Alzira Carvalho Peres Castro Fonseca  
 Maria Clara Pinto Pinheiro Alves Correia  
 Maria da Luz Machado Colaço  
 Maria Emília Rodrigues da Cruz Alves  
 Maria Fernanda Esteves Pereira Fernandes  
 Maria Irene Fernandes Pereira de Matos  
 Maria Isabel da Silva Fernandes  
 Maria José Peixoto de Carvalho Areal  
 Olinda Maria Teles Lagido Lima Torres

## MELGAÇO

Humberto Sousa  
 Joaquina Pereira  
 José Pereira  
 Manuel da Cruz  
 Maria do Amparo Táboas  
 Maria Domingues

**MONÇÃO**

Carina Machado Rodrigues  
 Cláudia Afonso  
 Cristiana Costa Machado  
 Isabel Nóvoas  
 João Carlos Parra Rodrigues Cerqueira  
 José Carlos Felgueiras Fernandes  
 Maria Cândida Martins Alves  
 Rafael Carlos Esteves Barbosa  
 Ruben Filipe Esteves Barbosa  
 Sónia Manuela Afonso Machado

**PAREDES DE COURA**

Ana Beatriz Barreiro de Sousa  
 Ana Rita Rodrigues dos Santos  
 Bruna Sá dos Santos  
 Carla Cristina Soares Lima  
 Inês Silva Barbosa  
 Lara Rafaela Rodrigues Soares  
 Maria Barbosa Sá e Silva  
 Maria Luísa Barbosa de Sá  
 Marlene Isabel Vaz Barbosa  
 Patrícia Micaela Dantas Lima  
 Paulo Jorge Pereira de Castro  
 Ricardo Barreiro Viana

**PONTE DA BARCA**

Anabela Brito  
 Joaquim Ribeiro  
 José Carlos Araújo  
 Maria Fernanda Barros Silva  
 Maria Laura Antunes dos Reis  
 Orlando Costa  
 Sandrina Ribeiro

**PONTE DE LIMA**

Bruno Ricardo Leitão Faria  
 Cristiana Beatriz Martins de Lima  
 Diana Catarina Rodrigues Bezerra  
 Diogo Manuel Martins Coelho

Filipa Oriana Faria Martins  
 Inês Marins Lima  
 João Pedro Lima Bandeira  
 José David Faria Martins  
 Marcos Frederico Martins Lima  
 Mariana de Abreu Correia  
 Maurício Ricardo Costa Araújo  
 Nuno Duarte Lopes Fernandes

**VALENÇA**

André Pinheiro  
 António Teles  
 Bernardo Lima  
 Fábio Oliveira  
 Ivone Ribeiro  
 Maria João Domingues  
 Marilene Borlido  
 Sara Nunes

**VILA NOVA DE CERVEIRA**

Adelaide Graça  
 Ana Dantas  
 António Roleira Marinho  
 Blandina Ruivo  
 Conceição Pacheco  
 Elisabete  
 Maria José Areal  
 Rosa Branca Barbosa  
 Rosário  
 Stela Romeu

**VIANA DO CASTELO**

Albertina de Jesus Tinoco Pereira  
 Celina da Chão Parente  
 Jorge Gomes  
 Lúcia Araújo da Costa Ribeiro  
 Márcia Filipa Barbosa Passos  
 Maria Adelaide Gonçalves Graça

O Encontro Luso-Galaico foi produzido como um projeto de programação e intervenção cultural no território do Minho e implementado durante o verão de 2021, desenvolvido em parceria pela Fundação Consuelo Vieira da Costa, Comunidade Intermunicipal do Alto Minho, Associação para o Museu dos Transportes e Comunicações e o Município de Braga. De olhos postos no património Galego-Português, o ELG propõe uma atenção renovada à herança cultural que liga as duas regiões, que se concretiza nas riquezas imateriais da música e da língua, mas também é um esforço criativo de expansão deste património, através da produção de novos temas e músicas. Com o mesmo espírito com que Uxía Senlle canta os versos «O idioma é a chave / Coa que abrimos o mundo [...] O idioma é un herdo / Patrimonio do Pobo / Maxicamente vello / Eternamente novo.», o Encontro Luso-Galaico criou um programa que resgata a importância do dizer e da canção — seja ela de amigo, amor ou maldizer — e une as tradições irmãs que fazem este cantar há pelo menos mil anos sem deixar de incorporar as suas derivações mais recentes e contemporâneas. Neste formato de cancionero, materializam-se e eternizam-se as contribuições de todos quantos participaram nesta aventura, e entrega-se este livro à guarda das vozes e cantares por vir.

Programa co-financiado pelo Programa Operacional Regional do Norte (NORTE 2020), Portugal 2020 e União Europeia, através do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) e desenvolvido em parceria pela Fundação Consuelo Vieira da Costa, Comunidade Intermunicipal do Alto Minho, Associação para o Museu dos Transportes e Comunicações e o Município de Braga.

Co-Financiamento:



Parceiros:



Apoios:



monção